

O TOCADOR DA ALDEIA

O Domingos Galhofa era um rapaz de quinze annos, bem parecido, alegre, esperto, fallando menos mal e até com certa graça espontanea.

A occupação do Domingos consistia em andar tocando pelas aldeias na sua tibia ou gaita pastoril. Apesar do instrumento ser muito grosseiro, o rapazote tinha artes para tirar d'elle sons admiraveis, afinados e melodosos que era um encanto ouvil-os.

valendo-lhe isso a alcunha do Galhofa. Ganhava o sufficiente para manter a mulher e os filhos, sem necessidade de dividas e calotices. Mas um dia chegou a desgraça.

O Galhofa andava trabalhando n'um areial. Era em julho. O sol estava ardentissimo, e, reflectindo-se na areia, tornava-se ainda mais abraçador. O calor por um lado, por outro a luz intensa, reproduzida e augmentada no areial,



Em dez leguas em redondo todos conheciam e estimavam o Domingos Galhofa. Por isso, nos seus passeios artisticos tirava sempre farta colheita. Dez réis de um, vintem de outro, um pão d'este, um bocado de toicinho d'aquelle, a saccola ia-se enchendo.

Mas dirão: que pulha de vida essa, andar sempre quasi á esmola dos outros, tendo bom corpo para trabalhar e boa saude para supportar as fadigas. Em parte tem razão, mas só em parte. Eu digo porque.

O pae do Domingos fôra um trabalhador activo e honrado, o que não impedia que fosse tambem um homem alegre, muito amigo de divertir-se, prompto sempre a tanger a viola e a entoar modinhas nos bailaricos e festas da aldeia,

foram a [desgraça] do Galhofa. De repente o infeliz parou de trabalhar, levou as mãos aos olhos e, ao retirá-los... estava cego.

Desde então a miseria entrou na modesta casa do Galhofa. Ao principio, os visinhos, contristados, soccorriam a desvalida familia; mas a caridade foi esmorecendo, e o pobre cego, para que os seus não morressem á mingua, pegou na viola, fez-se acompanhar pelo filho mais velho, o Domingos, e elles ahi vão de terra em terra, tocando e cantando, tão apreciados e queridos que, ao regressarem a casa, traziam sempre a abundancia.

O Domingos, guia inseparavel e indispensavel do pae, foi-se habituando áquella vida airada e exercitando-se na tibia pastoril. Quando o pobre

cego morreu, o filho continuou sósinho no officio, cujos proventos serviam para matar a fome á mãe e aos irmãosositos.

Ora ahí está porque devemos desculpar ao Domingos Galhofa o preferir á gaita campestre á enxada, por ventura ainda pesada para os seus braços de quinze annos.

Um dia o nosso musico chegou a um pobre logarejo, e, como fôra longa a caminhada, sentou-se quasi exausto de forças no velho tronco d'uma arvore.

Alli perto andavam brincando uns pequenitos; apenas viram o Galhofa, correram para elle, festejando-o com grandes gritos.

O musico ambulante sorriu ás creanças com a sua bondade habitual.

Uma pequenita foi mesmo para ao pé d'elle, e os seus olhitos muito vivos não se desfitavam da magica flauta.

— Toca um bocadinho... — pediu ella.

— E vossés que teem para me dar?

— Nada.

— Nada é muito pouco — tornou o Galhofa.

— Dou-te um beijo — insistiu a repariguinha.

— Os beijos não enchem a barriga.

— Se eu tivesse pão, dava-t'ô.

— Mas dá-me dinheiro, que é o mesmo — disse o musico, rindo.

— Dinheiro! isso é coisa dos ricos. Anda, toca. Não sejas mau.

O Galhofa estava deveras cansado, porque tinha dado uma longa caminhada; entretanto, vendo o empenho dos pequenitos em ouvir o tocar, e calculando o desgosto que teriam se o não fizesse, pensou de si para consigo:

— Não é só com dinheiro que se fazem esmolos. Um bocado de musica para estas creanças vale tanto como uma fatia de pão quando se tem fome. Quem não é egoista deve alegrar e consolar os outros sempre que possa. Pois vá lá um pedaço de alegria.

O Galhofa começou a tocar um estribilho do campo na sua tibia pastoril.

As creanças estavam enlevadas. Uma das mais pequenitas foi encostar-se-lhe ao joelho, attrahida pelos sons melodiosos da gaita.

Que delicioso grupo!

Se os ricos te pagarem em oiro a intima alegria que proporciona áquelles pobresinhos, a tua velha mãe e os teus innocentes irmãosinhos nunca mais terão necessidades, meu generoso Galhofa!

MATTOS MOREIRA.

GIGI OU A DESCOBERTA D'UMA VOCAÇÃO

(Imitação)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

II

A *sentinella* pareceu ficar por alguns minutos muito envergonhada com a reprehensão do seu *superior*; depois sahiram ambos a procurar novos recrutas.

Não tardaram muito em encontral-os nos seis filhos de um juiz de direito que morava no predio contiguo.

Raul, Agostinho, Benedicto, Gustavo, Mauricio e Alfredo, appareceram logo, *recrutats* animados do maior ardor bellicosos, e seguidos de mais cinco ou seis meninos da visinhança; Raul, que encontrara em casa, não sei como, um velho par de dragonas, foi promovido a *capitão*.

Agostinho tinha um tambor e Benedicto uma trombeta, representavam a musica do regimento; os mais foram nomeados officiaes, sargentos e simples soldados e taes eram, parece, o seu denodo e capacidade, que cada *homem* valia por cem!

O *general* Gigi decidiu que se ia logo proceder a uma grande revista, para verificarem a força numerica do exercito, examinar o armamento e munições de guerra, e afim de poder apreciar a sua pericia militar.

O *general* Gigi e o *capitão* Raul, esperavam impacientes e soffrendo os impetos fogosos dos seus cavallos de canna, o regimento que devia passar defronte da pequena cascata do jardim.

O exercito não chegava. Emfim ouviu-se o som de um tambor, e o guincho stridulo de uma

trombeta de feira, e appareceram Agostinho e Benedicto, constituindo ambos a banda militar, seguidos apenas pelos quatro irmãosinhos dos quaes o pequeno Alfredo, que tinha tres annos de idade, vinha ainda de bibe e sainhas, com que contrastavam as correias de papel pintado, que a mamã lhe fizera para o contentar, e que nem sequer sabia como segurar a sua espingardinha de pau.

O resto do exercito, onde naturalmente cada *homem* devia representar um regimento, não tendo podido arranjar-se á sua vontade, tinha-se dispensado de comparecer.

O *general* Gigi deu ordem ao *capitão* Raul, de mandar castigar severamente a todas as praças ausentes, e bastante confuso por este primeiro e serio desapontamento, veiu queixar-se ao avósinho.

— Que queres tu, lhe disse este sorrindo-se, quando se trata com recrutats!...

— O que são recrutats, meu avô, o que é isso?

— São os soldados novos que ainda não estão costumados á disciplina. Presentemente todos os homens são soldados perante a lei, mas antes não era assim; então todos os meios eram bons para augmentar o numero e *recrescer* (d'ahi vem a palavra *recrutats*); n'aquelle tempo tinham-se tantos soldados quantos se podiam manter.

Os *capitães* antigos, recrutavam elles mesmos as companhias de que eram proprietarios, e

quando não achavam homens dispostos a servir-os, lançavam mão de todos os camponeses, que cahiam em seu poder.

Um decreto do seculo xvii, permittia-lhes o alistar á força os vagabundos, e até malfeitores, a quem pagavam um soldo, e d'ahi veiu o nome de soldado.

Um capitão d'essas eras, bastava-lhe accusar um infeliz de ser vadio, para obrigar-o a assoldadar-se.

Por isso esse systema não produzia bons resultados; as tropas eram compostas de aventureiros e pela maior parte de miseraveis, apenas guiados pelo sordido interesse, e que não obedeciam senão ás pauladas ou ameaçados com o supplicio.

— Ah! avôsinho, então é muito melhor o tempo de hoje, e prefiro ter nascido agora e ser *soldado*, por dever, como todos os portuguezes.

III

Soldado! repetiu o avô do *general* Gigi, sabes o que essa palavra quer dizer?

— Um soldado é um homem que veste uniforme, que tem espingarda e que vae á guerra para defender o seu paiz.

— Muito bem, mas eu pergunto qual é a origem da palavra?

— Ah! isso é que eu não sei bem, respondeu francamente o *general* Gigi, todavia o avô disse-me ha bocado, que se chamavam soldados porque recebiam um soldo.

— Bravo, meu rapaz, replicou o avô ufano da boa memoria do neto; vou repetir-o para que te fique bem claramente na cabeça. *Soldado* significa homem de guerra, que está assoldadado a um principe ou um estado, isto é, que recebe soldo, que quer dizer pagamento. Tu já tens algumas luzes de latim, para saber que *solidare* ou *soldare* quer dizer pagar. É mesmo da palavra *solidares*, que deriva a palavra *solidus*, de que nós fizemos soldo.

Um soldado era então na epocha de que ha pouco te fallei, um homem de guerra, pago particularmente, um mercenario.

Agora já vês como esse nome, que provém de tão baixa origem, cresceu, mudou de sentido e tornou-se nos paizes civilisados o synonymo da lealdade e da bravura.

O *general* Gigi, querendo seguir os conselhos de seu avô, prometeu fazer exercitar os seus soldados no manejo d'armas, e pouco a pouco estabelecer entre elles uma disciplina rasoavel.

O avô deu-lhe um livrinho — a *ordenança*, e bem depressa, todos os seus artigos foram postos em pratica, pelas tropas verdadeiramente frescas e rosadas do *general* Gigi.

Todas as tardes via-os, da minha varanda, reunidos ao sahir do collegio, fazer exercicio sob as vistas do velho *general*, que se deleitava com aquelle brinquedo tanto em harmonia com os seus gostos e antigos costumes militares.

Bem depressa todas as voltas e conversões,

meia volta á esquerda, marche, em frente, braço armas, descançar armas, foram rapidamente aprendidas e executadas.

Em seguida o exercito do *general* Gigi augmentou-se com mais alguns meninos do collegio, que foram admittidos, depois de escrupulosas informações tomadas por D. Clara e o velho *general* Vasconcellos.

O entusiasmo pelo alistamento crescia, o avô tinha dado um caderno em branco, para fazer a escripturação, e o sargento Benedicto desempenhava aquelle serviço n'um meio cursivo, meio bastardinho, que bem podia ser chamado uma letra garrafal.

Todavia, de repente pareceu correr nas *fileiras* um sopro de descontentamento. É preciso confessar que os *soldados* começavam a enfasiar-se. Vir todas as tardes para o jardim do *general*, fazer as mesmas manobras e mais nada. Queriam bater-se. Mas com quem? Não havia inimigos.

Submeteram a idéa ao avô.

Este pensou um pouco; não respondeu e mandou dispersar por aquella tarde a *tropa*, e que brincassem por outra fórma.

Mas o Raul estava já tão entusiasmado com a brincadeira militar, que lhe não soffreu a paciencia deixar de perguntar o motivo d'aquella interrupção.

— Senhor Vasconcellos, perguntou elle ao velho militar, porque nos não deixa continuar?

— Porque estou pensando na maneira de arranjar um inimigo para darem a batalha.

— Dá-me licença que eu arranje um?

— Dize primeiro, vamos a ver a tua idéa.

— Tenho umas primas pequeninas, no fim da rua da Torrinhã, n'uma quinta; tem um irmão que é idiota, imagina-se que o Jorge passando por lá, deitou a lingua de fóra ás meninas, que estavam na varanda que deita para a estrada, ellas, não podendo desafrontar-se e o irmão não estando n'esse caso, pedem-me para substituil-o; eu então declaro guerra ao Jorge e intrincheiro-me na quinta d'ellas com os rapazes de lá, e o Jorge vae com os outros contra nós.

— Mas então teus irmãos teem de ir contra ti?

— O meu papá tem-me dito, que na guerra civil, vê-se muitas vezes armados os paes contra filhos e os irmãos contra os irmãos.

— Vá lá, mas veremos como te portas, tendo de combater os teus queridos Alfredo, Agostinho, Benedicto, Mauricio e Gustavo.

— Obedecerei á disciplina, como diz o livro que V. Ex.^a nos deu para norma.

— Bravo, disse o velho militar, orgulhoso por aquelle ninho de valentes, que se formavam pelos seus conselhos e sob a sua direcção.

Jorge foi chamado e ficou muito contente com a nova idéa que dava seguimento á brincadeira.

Raul foi avisar as primas, das quaes Adelaide tinha 8 annos e Laura 10. Estas acharam-lhes muita graça, e determinaram vir para a varanda, esperar a passagem de Jorge.

(Continua).



VERSOS AO JULIO

CARIDADE E GRATIDAO

Eram quasi horas de almoço
No casal do Lavradio;
Bertha chegara do rio
Trazendo a trouxa da roupa,
E a mãe, tossindo a miúdo,
De impertinente catarrho,
N'uma tijella de barro
Migava o pão para a sópa.

Esse casal da pobresa,
Esse modesto aposento,
Tinha n'aquelle momento
Um doce e candido aspecto:
Trinavam melros lá fora
E o sol, erguendo-se a flux,
Entrava em feixes de luz
P'la claraoia do tecto.

Quando estavam quasi promptas
As migas para o almoço,
Bate á porta um pobre moço
Pedindo pão por esmola:
Vem quasi nu; simplesmente
O cobrem rasgados trapos,
— Umas calças em farrapos
E uma rôta camisola!

Diz elle, banhado em pranto,
Com voz fraca e soluçante,
Que vem de muito distante
E que ha dois dias não come;
E de facto, quem no moço
Alguns instantes attente,
Verá que o triste não mente,
Verá que o pobre tem fome!

Bateu ás casas mais ricas
Que encontrou pelo arrabalde,
Mas bateu sempre de balde,
Não quiz ouvil-o ninguem!
Nem uma porta se abriu
Para dar agasalhado
Ao pobre moço coitado,
Sósinho, sem pae nem mãe!...

Emfim, exhaustas as forças,
Erguendo os olhos ao ceu,
Tira o pequeno chapéu
Que a cabecita lhe cobre
E vem, transida de frio,
A desgraçada criança,
Tentar a ultima esperança
Batendo á porta do pobre!

Foi Deus, por certo, o bom Deus,
Dos pequenitos amigo,
Quem segredou ao mendigo
Essa boa inspiração...
Pois que, se o rico o tratára,
Co'uma indifferença inhumana,
Achou na pobre cabana
O agasalho, a cama, o pão.

Nem Bertha nem sua mãe
Deixar o pobre quizeram,
E jámais se arrependeram
D'aquelle nobre agasalho;
Que um dia, quando a doença
Ambas no leito prostrou,
Foi elle que as sustentou
A custa do seu trabalho.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

OS DEFENSORES DA AGRICULTURA

(Continuação)

O doutor André, vendo pela atenção do auditorio que a sua prelecção não era inutil, proseguiu gostosamente:

— E assim como o phylloxera, não sendo destruido, pôde fazer com que se acabem as vinhas, do mesmo modo os gafanhotos, e tantos outros insectos, se não fossem perseguidos, destruiriam todas as cearas, de modo que não tornaríamos a comer pão.

Mas quem ha de exterminar esses terriveis devastadores? Vossês, rapazinhos? Mas como? Podem acaso subir a todas as arvores, revistar todas as folhas, limpar todos os ramos, esquadriñar todas as gretas da casca? Podem porventura inspecionar as hortaliças, as flôres do campo, as pequeninaservas do prado? Podem tambem apanhar no ar esses milhões de insectos que nos fazem constante guerra?

Não podem, não, nem eu, nem nenhum homem. Consegue-se vencer os animaes mais ferozes; faz-se recuar o leão, doma-se o elephante, arranca-se das profundezas do mar a monstruosa baléa; mas diante das nuvens de insectos é que não temos remedio senão julgar-nos vencidos.

Mas então, esses terriveis inimigos vão destruir todos os fructos da terra? Vão obrigar-nos a morrer de fome, visto que os homens não teem poder para os destruir? Não se assustem, rapazinhos. Alguem fará o que nós não podemos fazer; esse alguem é o passarinho, o gentil cantor que nos alegra desde a alvorada até ao

anoitecer. É elle, tão pequenino, que vae defender-nos, proteger-nos, salvar o nosso pão!

Olhem, olhem, para o encantador passarinho; reparem como elle circula por entre a folhagem. Os seus olhinhos tão vivos descobriram de longe



um batalhão de invasores. Elle lá vae já atacar o inimigo! Reparem na rapidez com que o util passarinho trabalha com o bico. Anda, anda, engole-me esses bichinhos, essas lagartas, engole bastantes! Quantos mais devorares, mais péras, maçãs, pecegos, cerejas, legumes, nós poderemos comer!

Ah! meus queridos rapazinhos, não commettam nunca a maldade de matar os passaritos, ou de se apoderarem dos ninhos. Lembrem-se que, por cada ninhada que destroem, tiram a vida a tres ou quatro passarinhos, e ao mesmo tempo o pão a tres ou quatro pessoas. E depois, matando as avesinhas, as colheitas serão fracas, por causa dos insectos, e se vossos paes não tirarem interesses das sementeiras, não podem comprar-lhes brinquedos na feira. Depois de ouvirem as minhas explicações, estou certo que nenhum de vossês terá a crueldade de matar os melhores amigos do homem, os innocentes passarinhos, que protegem os nossos haveres e nos alegram com o seu delicioso cantar.

Na opinião de alguns camponeses, os passaros são prejudiciaes porque comem o trigo e o milho; é um perfeito engano. Nenhum passaro, nenhum absolutamente, é prejudicial á agricultura. Por cada bago de trigo ou de uva que elles comem,



salvaram mil. Não é um roubo, é uma retribuição merecida.

Excepto as aves domesticas, destinadas á nossa alimentação, não se deve matar nenhuma, mesmo aquellas cujos serviços não são ainda bem conhecidos. O corvo, por exemplo; sabem o que faz o corvo? Eu lhes digo.

Quando os besoiros atacam em bandos as arvores, os corvos fazem entre si uma combinação para lhes darem caça. Como não podem abanar a arvore para fazerem cahir os terriveis devoradores, dividem-se em dois bandos, ficando um d'elles em baixo e o outro vae voltejar por entre os ramos, obrigando com as azas os besoiros a cahirem no chão. Então os corvos que ficaram na terra devoram os besoiros que vão cahindo,

e, depois de estarem satisfeitos, voam para a arvore, para os companheiros poderem vir encher a barriga. Então, não é engenheiro?

As corujas, os mochos e todas as aves de preza nocturnas, alimentam-se de ratinhos, que não fazem pouco destroço nos campos.

Os sapizecos protegem as florestas; á força de bicadas, obrigam os insectos a sahir da casca das arvores.

O estorninho faz as vezes de veterinario: vae procurar nas costas dos bois, dos carneiros, etc., a bicharia que se agarra á pelle d'esses pobres animaes, atormentando-os ao ponto de endoidecel-os.

(Continúa).

O CRITICO

(CONTO DE ANDERSEN)

Reuniram-se cinco irmãos para discutir o seu futuro.

— Quero ser util aos meus semelhantes, disse o mais velho; que a minha posição seja elevada ou infima, pouco importa, com tanto que seja honrada. Farei tijolos; é material indispensavel, e que tem segura venda; e não levarei muito tempo a aprender o officio.

— Pois sim, mas rende pouco; replicou o segundo irmão; e quem sabe se em breve as machinas dispensarão os braços? Eu serei pedreiro; em quanto houver cidades e casas, serão precisos alvanços, e na sociedade este officio tem já certa consideração.

— Ora adeus, tanta como o outro, disse o terceiro. Então que é, que representa um alvanço na sociedade? Eu serei architecto; esta profissão exige ao mesmo tempo saber e imaginação. Bem sei que a principio serei apenas um aprendiz, quasi um criado do mestre; terei de ir buscar o cabaz do almoço, de varrer a officina; talvez até que me tratem por tu; mas tudo isto não passa de pequenas miserias. Trabalharei, estudarei, e se for feliz, talvez me vejam ainda um dia rico, respeitado, membro de alguma sociedade scientifica ou de bellas-artes. Quem sabe?

— Pois, disse o quarto, eu serei escultor. Sinto em mim a chamma do genio, o enthusiasmo febril das grandes e elevadas idéas; crearei um novo estylo; contribuirei para o progresso da civilização.

— E as difficuldades da época? observou o quinto. Compreender-te-ha este seculo tão materialista, tão pouco generoso para os grandes artistas? o teu talento permanecerá na obscuridade, vegetará na miseria; as tuas estatuas só por ti serão admiradas; talvez nem paguem o valor intrinseco do marmore ou do alabastro; e só no dia seguinte ao da tua morte os jornaes dirão: — a patria, as artes estão de lucto; perdeu-se um grande artista! Com essas idéas nunca chegareis a ser alguma coisa; comtudo, não quero contrariar-vos; segui as vossas vo-

cações. Eu tambem já me resolvi; serei critico, um critico raivoso, uma lingua de prata. Julgarei os trabalhos dos taes meus semelhantes; serei um anatomista, um dissecador dos costumes, escriptos e acções dos homens. Serei severo com todos os erros; e assim, creio eu, farei mais e melhores serviços que todos vós.

E fez o que disse; e toda a gente quando fallava d'elle dizia: — que espirito! que imaginação! que erudição! é pena que não faça alguma cousa, este homem! Pois que é, por fim de contas, um critico? um homem que não teria emprego, se não existissem as obras que elle critica.

Ainda assim um critico sempre serve para alguma coisa; um critico bom, já se vê, porque um mau critico é peor que o *oidium*.

Agora escutae, leitor: as vidas dos cinco irmãos formam um poema.

O irmão mais velho, fabricante de tijolos, soube em breve que em cada duzia de tijolos se ganha um pataco, é pouco na verdade; mas dez duzias dão dez patacos, que é um cruzado; e em doze já se tira o lucro d'um *pinto*, moeda de prata muito bonita e cujo poder ninguem ignora na padaria, no açougue, etc. Ora aqui está o resultado de fazer tijolos. É verdade que no forno quebravam-se muitos, mas os bocados tambem serviam.

O sonho dourado da velha tia Margarida era ter uma casa sua, não pagar renda, não poder ser posta no meio da rua; o fabricante, homem generoso, fez-lhe presente de todos os tijolos quebrados, e a velhota construiu por suas mãos uma casinholinha junto do lago. Era uma verdadeira casinholinha, baixa, torta, a janella para um lado, o telhado para outro, mas enfim, era um abrigo para a pobre velha; e quando o fabricante morreu, o miseravel pardieiro, filho da sua caridade, ainda estava de pé.

O segundo irmão, o pedreiro, aprendeu o officio; e um bello dia, ainda de madrugada, metteu as suas economias n'um pé de meia, a

roupa n'um sacco, despediu-se dos irmãos e foi, cantarolando, correr mundo; trabalhou em palacios e fabricas, docas e subterraneos, tornou-se emfim um perfeito operario. Quando voltou á sua terra, fez-se logo notar pelo seu trabalho e bom comportamento; confiaram-lhe a construcção de muitos predios, e estes predios produziram-lhe uma casa, pequena sim, mas cheia de commo-didades e feita á sua vontade.

Se quereis uma explicação eis aqui a que me deram pessoas d'aquella terra: — «Trabalhando nas casas dos mais, ganhou o bastante para fazer a sua.»

E logo que se apanhou proprietario casou com a sua antiga namorada, e deu na noite do casamento grande baile na sua sala.

(Continúa)

GABRIEL PEREIRA.

A POBRESINHA

A noite estava uma belleza, nem parecia noite de dezembro. Havia luar, o ceu estava sereno e semeiado d'estrellas, emfim, uma noite admiravel! Na rua havia numeroso transito, que a miudo estacionava em frente dos mostradores das lojas, replectos de variados e multicolores objectos.

Alguns *bébés*, acompanhados pelos papás, sobraçavam bonecas, tambores, cavallos de pau, etc., etc.; outros, porém, olhavam com olhos melancolicos para todos aquellos bonitos, invejosos por os não possuírem, e tristes por os não poderem comprar.

Uma rapariguita, que pertencia a estes ultimos, estacionava, contemplando, com olhos avidos, uma vistosa arvore ornada de pequeninos objectos e a que chamavam arvore do Natal. Estava absorta n'aquella contemplação.

Teria, ao que parecia, uns 7 a 8 annos. Era loira, os olhos negros, o rosto alvo de neve. Estava pobremente vestida: uma saia de chita, remendada, e um lenço de malha pelos hombros.

Apezar, porém, da noite estar bonita, havia um frio glacial, e ella, apenas com aquelle agasalho, tremia as mãositas, e as faces róxas, e os pésitos descalços, estavam quasi gelados.

Olhava havia quasi um quarto d'hora para a arvore do Natal, chorando de vez em quando, ou de pezar ou de soffrimento, quando entraram na loja tres *bébés*, acompanhados pelos papás. A desgraçadinha seguia-os com a vista. Passados momentos chegaram aos seus ouvidos os sons d'uma corneta e o rufar d'um tambor. Foi encostar-se, sempre triste, ao umbral da porta, olhando, com os olhos arrazados de lagrimas, para os que dentro da loja saltavam contentes e satisfeitos. Um d'aquelles freguezinhos era uma menina de 8 para 9 annos, que, com uma boneca ricamente vestida, veiu á porta.

Possuia uma alma generosa e sensível para os desgraçados. Apenas chegou á porta, os seus olhos encontraram-se com os da pobresinha, que ficou enlevada na encantadora boneca. Isto fez-lhe impressão e, voltando para dentro, puchou por o casaco do papá para que lhe desse attenção.

— Que queres? — perguntou o pae.

— Quero dizer-lhe um segredo ao ouvido — disse ella, pondo-se em bicos de pés.

O pae curvou-se um pouco, e ella, abraçando-o com um braço e olhando de soslaio a pequenita, que ainda estava no mesmo sitio, disse:

— Papá, quero pedir-lhe um favor!

— Então o que é?

— O papá disse-me que hoje todos os meninos deviam estar alegres, porque todos tinham prendas; mas nem todos o estão, porque nem todos as têm!... Se eu pedisse ao papá para comprar um brinquedo para o dar a uma pobresinha, o papá comprava-o?

— Conforme, minha filha! — disse elle, sentando-se e sentando-a n'um joelho. — Porque me perguntas isso?

— É porque está allí uma pobresinha, que me mettuu tanta pena! Treme de frio e chora!

— Onde está ella?

— Allí á porta!

— Pois vae-lhe perguntar se quer uma boneca.

A galante menina correu para a porta, e chegando-se á pobresinha, perguntou-lhe com voz meiga:

— Tu porque choras?

A rapariga, envergonhada, não respondeu e recuou um pouco; ella continuou:

— Tu tambem tens prendas?

E, como obtivesse a mesma resposta, tornou:

— Então não me ouves?! Tens?

— Não, menina! — disse a pequenita envergonhada.

— E a tua mãe não t'as dá, como a minha?

— Não tem dinheiro...

— E tu queres uma boneca?

— Eu... queria!... queria!... — exclamou a pobresita com um raio de alegria.

A menina foi dentro e disse ao papá:

— Olhe, papá, ella quer a boneca, oh! se quer!...

O pae levantou-se e comprou uma boneca, inda que mais pobre de vestuario, mas tão bonita como a da filha, e disse-lhe:

— Toma lá, vae-lh'a dar.

Ella correu á porta e deu a prenda á pobresinha. Esta agradeceu muito e correu para casa, para mostrar á mãe o que lhe tinham dado.

Desde então não teve frio nem sentiu a fome; estava fraca, mas o contentamento deu-lhe forças; porém, ao chegar a casa, no momento mesmo em que mostrava a gentil boneca á mãe, fraca e cansada como estava, cahiu no chão fulminada!

A boneca foi-lhe a causa da morte, porque a alegria demasiada tambem mata!

E a pobresinha não mais viu a arvore de Natal na terra, mas no ceu tinha o seu premio!

Lisboa.

A. MEIRELLES DE LEMOS.

ALEGRIAS

Um saloio mandou abrir um poço no quintal, e quando os trabalhadores lhe perguntaram para onde queria que fossem deitando a terra, o homem respondeu:

— Para o quintal não ficar para ali atarracado, abram uma cova ao lado do poço e vão deitando para lá a terra.

A Joanninha está esperando o seu papá, que regressa d'uma viagem, e pergunta á mamã quando elle chegará.

— Depois do jantar — responde a mãe.

— O mamã, então vamos jantar já muito depressa, para o papá não ter demora!

Muito amiguinha do papá era a nossa Joanninha!

Por occasião da exposição de arte ornamental, um sujeito chegou-se ao bilheteiro e perguntou-lhe quanto era a entrada.

— Dois tostões — respondeu o empregado.

— Então tome lá um tostão, porque eu não tenho senão um olho.

O homem era forte em arithmetica.

Um moço de recados foi incumbido de levar uma carta e trazer a resposta.

— Pergunta pelo sr. Silva; se elle não estiver no escriptorio, entrega a carta ao filho.

O moço voltou d'alli a bocado com a mesma carta.

— Então a resposta?

— O sr. Silva não estava lá — respondeu o bronco.

— Não te recommendei que entregasses a carta ao filho?

— É verdade, patrão, mas vossemecê esqueceu-se de me dizer o nome do filho.

Ha muitos d'esta força.

Um mathematico da India, por nome Sessa, foi, segundo é fama, o inventor do jogo de xadrez. Quando apresentou o seu invento ao rei, este ficou tão satisfeito, que disse a Sessa que lhe pedisse o que quizesse. O mathematico pediu um grão de trigo pela primeira casa do taboleiro, dois pela segunda, quatro pela terceira, e assim successivamente, sempre a dobrar, até á ultima casa.

O rei mostrou-se quasi offendido com um pedido tão insignificante; mas grande foi a sua admiração quando lhe vieram dizer que todo o trigo da Asia não era bastante para satisfazer a exigencia do mathematico.

E era assim. Se o leitor quizer dar-se ao trabalho de fazer o calculo, achará, effectivamente, que eram precisos apenas 18.446.744.073.709.551.615 grãos de trigo, ou aproximadamente kilogrammas 706.771.803.590.400. Calculando cada alqueire de trigo a 500 réis, teriamos o valor de contos de réis 353.385.901.795!

Que cifrasinha!

HORAS ENTRETIDAS

81 — CHARADA

(AO EXÍPIO CHARADISTA NINGUEM)

Deitada em leito humilde, estava a pobresinha, Nas faces corria-lhe um copioso pranto; Chorava a grande perda d'uma innocentinha A quem ella n'este mundo adorava tanto! } 2

Ainda ha pouco a morte, essa horrida figura, As garras estendeu n'esta mansão querida: E a vida arrebatou a uma outra creatura; Que era sua filha! como a outra estremeçada! } 2

E ella, a pobre mãe, ao vêr-se assim ferida, Por golpes tão fataes, por cruciantes dôres! As mãos ergue ao Senhor, pedindo-lhe qu'a vida Conceda a suas filhas — seus unicos amores!

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.

82 — CHARADA

Posto tenho o nome femêa, } 2
Sou do sexo masculino }
Pertencço a ambos os sexos, } 1
E sou só do feminino.

Eu fui nascido e criado
Para aos meus prestar abrigo:
Minha carranca medonha
Faz tremer o inimigo.

Porto

Zé FERINO.

83 — CHARADA NOVISSIMA

Brilha no navio o contôro — 2 — 1

Vizeu

TRAVESSO & C.^a

84 — CHARADA NOVISSIMA

Instrumento na nota é moeda — 1 — 2

Lisboa

TITERE.

85 — CHARADA NOVISSIMA

Repete áquem, terás um jogo — 1 — 1

Baleal

FANTOCHE.

86 — CHARADA NOVISSIMA

Procura esta nota e este tecido — 2 — 1

Vizeu

BERÉ.

87 — CHARADA SEMI-MATHEMATICA

Raia — a + o = planta — 2

Monclique

CUNHA & C.^a

88 — ENIGMA

Dois *m* com dois *e*
Um *h*, dois *o*, um *a*
Um *t*, um *r*, um *s*, um *p*,
Leitor, que nome será?
Não é fácil de pilhar,
Porque está sempre a mudar.

Lisboa

FANTOCHE.

89 — PALAVRAS QUADRADAS

Amado pelos chinezes
Como ave mui fagueira
No firmamento ás vezes
Está uma pessoa primieira.

Lisboa

HERMINIA.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

72, Metade — 73, Crockal — 74, Crystallino — 75, Garlopa — 76, Setubal — 77, Margarida — 78, Vicente (moeda antiga, que valia dez tostões) — 79, Agradecimento — 80, Manuel Pinheiro Chagas.